

FOTOGRAFIAS DE UM RITUAL DO BATUQUE: DOIS *PASSEIOS*¹

Rafael Cristaldo²

Resumo: Este ensaio apresenta fotografias acadêmicas de um ritual do Batuque: o *passeio*. Esse ritual acontece fora dos terreiros para apresentar os renascidos na religião (recém iniciados ou não) para os orixás que estão presentes no centro de Porto Alegre/RS. Esse ritual acontece em cinco etapas e, aqui, apresento as fotografias para quatro delas: a ida ao Mercado Público, a ida ao Santuário Nossa Senhora do Rosário, a ida a algum ponto da orla do Guaíba e a volta ao terreiro. Para conseguir essas fotografias, acompanhei, em 2025, todo o *passeio* do Ilê Axé Ijexá Xangô Ogodô, de Viamão/RS, liderado por Pai Tita, e a entrada do Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira no Santuário Nossa Senhora do Rosário.

Palavras-chave: Religiões Afro-brasileiras; Batuque; Passeio; Porto Alegre.

PHOTOGRAPHS OF A BATUQUE RITUAL: TWO PASSEIOS

Abstract: This essay presents academic photographs of a Batuque ritual: the *passeio* (procession). This ritual takes place outside the *terreiros* (religious houses) to present the *renascidos* (reborn ones) in the religion — whether recently initiated or not — to the orixás present in the center of Porto Alegre, RS. The ritual unfolds in five stages, and here I present photographs of four of them: the visit to the Mercado Público (Public Market), the visit to the Santuário Nossa Senhora do Rosário (Our Lady of the Rosary Sanctuary), the visit to a point along the Guaíba waterfront, and the return to the *terreiro*. To obtain these photographs, I accompanied, in 2025, the full *passeio* of the Ilê Axé Ijexá Xangô Ogodô, from Viamão, RS, led by

¹ Como citar: CRISTALDO, Rafael. Fotografias de um ritual do Batuque: dois passeios. *Debates do NER*, ano 26, n.47, e154767, 2026.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; E-mail: cristaldo.rafa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1721-0210>.

Pai Tita, as well as the entrance of the Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira into the Santuário Nossa Senhora do Rosário.

Keywords: Afro-Brazilian Religions, Batuque, Passeio; Porto Alegre.

Este ensaio visual apresenta os primeiros registros acadêmicos de um ritual do Batuque, o *passeio*. O *passeio* é um ritual que acontece fora dos terreiros para encerrar o ciclo ritual de uma *obrigação de quatro-pés*. Esse ritual apresenta ou reapresenta os renascidos (recém iniciados ou não) para os orixás que estão presentes ou podem ser encontrados no centro de Porto Alegre/RS.

Segundo Pai Tita de Xangô, entrevistado em 2023, e Baba Hendrix de Orunmilá, entrevistado em 2025, ambos de nação ijexá, o *passeio* tem uma origem africana. Para esses dois babalorixás, o *passeio* se inspira na tradição iorubana de levar os iniciados no culto aos orixás até o mercado da cidade para serem apresentados como iniciados à sociedade e a Bará. Para Pai Tita, todo *passeio* deve começar pelo Mercado Público porque ali, como nos mercados da “África”, há um assentamento de Bará, o orixá que rege os movimentos e por quem tudo deve começar.

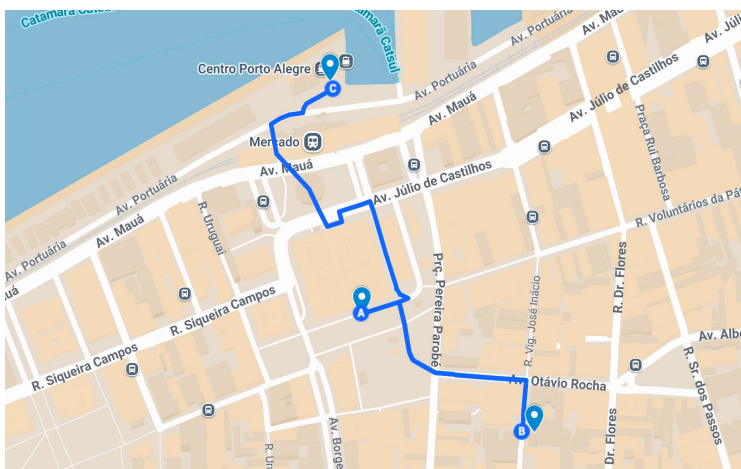
Em sua entrevista, Baba Hendrix comentou que tudo isso pode ser verificado no livro *Orixás*, de Pierre Verger (1981). E, de fato, nesse livro Verger conta que após a iniciação, os noviços devem ir até o mercado da cidade e aos corpos d’água de uma floresta, algo parecido com o que acontece no *passeio*.

Aqui no Rio Grande do Sul, e especificamente em Porto Alegre, o *passeio* acontece em cinco etapas que podem ser combinadas de diferentes maneiras³. Apresento aqui a que foi apresentada a mim por Pai Tita, liderança do Ilê Axé Ijexá Xangô Ogodô – que fica em Viamão –: saindo de seu terreiro, ele vai até o Mercado Público, depois ao Santuário Nossa Senhora do Rosário e, encerrando o ciclo do ritual que acontece no centro, ao acesso

³ Nem todos os terreiros fazem o *passeio* do mesmo jeito e que nem todos os terreiros fazem esse ritual.

Após esse momento, Pai Tita vai até o terreiro de alguém da sua família religiosa, onde o *axé da obrigação* é partilhado através de um café da manhã oferecido pelo terreiro anfitrião. O *passeio* é encerrado no terreiro de origem, quando os renascidos são liberados do período liminar iniciado pela passagem pela *obrigação*.

Figura 1: Percurso de um *passeio* no Centro de Porto Alegre.



Fonte: autor, 2026.

Desse parágrafo anterior, vale destacar dois pontos. O primeiro é a adição de elemento católico ao *passeio*, que também acontece na *saída de iaô*, do Candomblé. Segundo Vogel, Mello e Barros (1992), falando especificamente do Candomblé, as idas dessa tradição a templos católicos é

um desafio ao ocultamento ao proclamar um lugar no espaço público. Em minha dissertação, argumentei, através de Fred Moten (2021) que o *passeio* é um uma recusa a morte social do que é negro.

O outro ponto que merece ser destacado para que o papel do *passeio* no grande ciclo ritual de uma *obrigação* possa ser entendido é que ele pode ser encaixado no sistema tripartite de Arnold van Gennep (Turner, 2008). As *obrigações* apartam quem passou por elas da estrutura do Batuque. Logo após o *corte*, se inicia um período liminar chamado de *chão*. Durante esse período, quem passou pela *obrigação* é chamado de preso e deve ficar o máximo de tempo possível no terreiro sem fazer esforço porque essa pessoa está gestando seu orixá (Anjos, 1997). O *chão* só acaba quando as *obrigações* voltam para o quarto de santo e a partir desse momento o *passeio* pode acontecer. Desse modo, o *chão* não é apenas a apresentação de um renascido, mas também de seus orixás. Como eu argumento com Moten, o *chão* é a celebração do que foi feito no segredo do terreiro.

O primeiro *passeio* de uma pessoa acontece na sua primeira *obrigação* e se repete para o resto da sua vida sempre que passar por uma *obrigação* novamente. Porém, como acontece no terreiro de Pai Tita, se uma pessoa passou por um ritual menor no mesmo dia que quem passou por *obrigação*, essa pessoa pode fazer o *passeio* também.

Embora esse ritual tenha aparecido em oito trabalhos acadêmicos de diferentes disciplinas desde 1988 até 2025 (Corrêa, 1992 [1988]; Almeida Júnior, 2002; Oro; Anjos; Cunha, 2007; Vargas, 2011; Marques, 2013; Aguiar, 2015; Machado, 2015; Queiroz (2022), Giumbelli; Cristaldo, 2025), nunca foram publicadas, pelo menos em meios acadêmicos⁴, fotografias desse ritual. Para a minha dissertação, defendida em fevereiro de 2026 e ainda não publicada, fotografei, durante o ano de 2025, dois *passeios* que aconteceram em Porto Alegre/RS. Esses dois *passeios* se complementam. Com Pai Tita, acompanhei um *passeio* desde a saída até a volta ao seu terreiro.

⁴ Muitas vezes observei *passeios* que eram fotografados e filmados e há muitos registros de *passeios* nas redes sociais.

Infelizmente, não pudemos entrar no Santuário Nossa Senhora do Rosário nesse dia, mas em outra oportunidade, consegui acompanhar o *passeio* do Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira.

A seguir, apresentarei as fotografias do *passeio* com comentários antropológicos e históricos que contextualizam as práticas exibidas.

Figura 2: Mercado Público.



Fonte: autor, 2025.

O *passeio* de Pai Tita que eu acompanhei aconteceu no dia 30 de novembro de 2025, um domingo. Mas para acompanhar esse *passeio*, eu cheguei no terreiro de Pai Tita no sábado, dia 29, às 17h. Fiz isso para poder acompanhar a *mesa de ibeji*, que aconteceu às 18h30, e o *batuque de terminação* que começou às 22h.

A festa terminou por volta das 6h da manhã, quando o céu já estava claro. Depois de mais de 12 horas de atividades no terreiro e três semanas de muitas *obrigações*, todos estavam muito cansados. Quando o *batuque de terminação* acabou, quem não estava de *obrigação* foi para casa. Quem ficou

se espalhou pelo *salão*. Ali, pessoas se deitaram, cochilaram e conversaram sobre quererem pular o *passeio* para irem para casa.

Logo que se fez silêncio, Pai Tita começou a *aliviar* as *obrigações* de seus filhos; etapa necessária para que eles pudessem sair do terreiro para fazer o *passeio*.

Entre um filho e outro, Pai Tita trouxe para o salão dois sacos de moedas. Ele instruiu seus filhos a pegarem duas moedas de R\$1,00 e 8 moedas de qualquer valor para serem usadas durante o *passeio*. Uma moeda de um R\$1,00 para o Bará do Mercado, e a outra para o Bará Agelú na orla do Guaíba as oito moedas para os *orixás da praia* – Oxum, Iemanjá e Oxalá –, também na orla do Guaíba. Segundo Pai Eduardo de Oxalá, de Taquara/RS, entrevistado em 2023, as moedas são a troca, a comunicação entre os humanos e os orixás.

Tendo Pai Tita terminado de *aliviar* as *obrigações* de todos os seus filhos, nos dividimos em carros e fomos até o Mercado Público. Saímos da Lomba do Pinheiro às 7h25 e chegamos no centro de Porto Alegre às 8h.

O mercado já estava aberto, mas apenas os comerciantes que abriam suas barracas estavam lá. Fomos até o centro do Mercado, onde está o mosaico de Bará e lá todos se ajoelharam e, com as instruções de Pai Tita, bateram uma das moedas de um real no chão três vezes. Pai Tita instruiu seus filhos a colocarem essa moeda nos assentamentos dos seus orixás ou levá-la para casa e deixar onde se guarda dinheiro.

Figura 3: Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: autor, 2025.

Depois de cumprimentar Bará no Mercado, saímos do local pelo Largo Glênio Peres e andamos uma quadra na avenida Otávio Rocha para subir metade da rua Vigário José Inácio, onde fica o Santuário Nossa Senhora do Rosário.

Desde 2022, lideranças do Batuque me deram diferentes motivos de por que eles vão até essa igreja: (i) por que, por ser uma igreja, o prédio é casa de Oxalá; (ii) por que, por ser um prédio dedicado a uma figura mariana, o prédio é a casa de Oxum – também há a versão de que a Irmandade do Rosário *assentou* uma Oxum no prédio antigo; (iii) porque o prédio é a casa de Iemanjá; (iv) por que a Irmandade teria assentado todos os orixás nos altares do primeiro prédio; (v) pela história da Irmandade negra que construiu o primeiro prédio e ajudou no estabelecimento do Batuque (Giumbelli, s.d.) e (vi) por ser a igreja mais próxima ao Mercado.

Segundo Pai Tita, a visita ao Rosário é uma tradição imposta pelo poder colonial. Mas, ao mesmo tempo, Pai Tita diz que é graças ao sincretismo que o culto aos orixás sobreviveu no Brasil.

Nesse dia, não pudemos entrar na igreja porque ela ainda estava fechada. Eram 8:20 e a igreja só abre para a missa das 10:00.

Estando a igreja fechada, descemos a rua e ficamos parados na esquina por alguns minutos. De lá, vimos um outro grupo vindo na nossa direção; eles também estavam fazendo o *passeio*, também vestiam roupas brancas, e estavam indo para o Rosário. Nesse instante, um dos filhos de Pai Tita disse: “Esse tanto de preto na rua vai assustar as pessoas”. Todos riram.

**

Figura 4: Orla do Guaíba.



Fonte: autor, 2025.

Depois de passar pelo Rosário, fomos até a estação do Catamarã passando pelo lado do Mercado Público.

Lá, Pai Tita instruiu seus filhos a deixarem uma moeda de um real no chão para Bará Agelú – a qualidade de Bará que cuida da comunicação dos humanos com os orixás do mel, da praia (Oxum, Iemanjá e Oxalá). Em seguida, ele e seus filhos se ajoelharam e Pai Tita começou a chamar, em iorubá, por Oxum, Iemanjá e Oxalá. Ele agradeceu por a *obrigação* ter acontecido com sucesso e pediu que nunca faltasse roupa para vestir e comida para comer para os que estavam ali. Também pediu para que todos os filhos pudessem sair de casa em segurança para trabalhar, passear e viajar. Depois disso, Pai Tita instruiu seus filhos a jogarem as oito moedas restantes na água, uma a uma, fazendo pedidos aos orixás.

Depois dessa etapa do ritual, deveríamos ir até outro terreiro para compartilhar uma refeição, o café. Porém, um babalorixá amigo de Pai Tita havia falecido há pouco tempo, de modo que não seria apropriado realizar esse preceito.

Sendo assim, voltamos para o terreiro.

**

Figura 5: De volta ao terreiro.



Fonte: autor, 2025.

De volta no terreiro, Pai Tita se posicionou dentro do quarto de santo e tocou a sineta. Nesse momento, todos os seus filhos se colocaram de joelhos. Depois, os filhos formaram uma fila e, um a um, se puseram a bater cabeça para os orixás, para Pai Tita e para Mãe Janaína. Enquanto uns já se liberavam dessa parte, deitavam-se pelo salão ou faziam piadas sobre estarem “livres”.

Depois que todos bateram cabeça, Pai Tita agradeceu aos orixás pela *obrigação* ter dado certo e agradeceu aos filhos por toda sua dedicação. Ele disse não ser emotivo, mas começou a chorar, disse que era de felicidade e todos bateram palmas. A *obrigação* terminou e mais tarde houve um churrasco.

**

Figura 6: Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira entrando no Santuário Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: autor, 2025.

Durante a XV RAM, que aconteceu durante os dias 04 e 08 de agosto de 2025, apresentei – no GT 166, *Religiões afro latino americanas e temas*

contemporâneos, coordenado por Profa. Dra. Joana D'Arc do Valle Bahia e Prof. Dr. Leonardo Oliveira de Almeida – a minha pesquisa sobre o *passeio*. Na ocasião, exibi diversos desenhos que me ajudaram a entender esse ritual, mas, como notou a Profa. Joana, não havia fotografias do *passeio* na apresentação. Desse modo, ela me instigou a tirar fotografias. Respondi que não tinha coragem de ser tão invasivo com pessoas com quem eu não conhecia, que tiraria fotografias quando fizesse o *passeio* com Pai Tita. Porém, ela disse que negociações sempre são possíveis. Com esse espírito, fui a campo no dia 04 de outubro de 2025 para tirar fotografias.

Cheguei ao Rosário e fiquei alguns minutos conversando com Álvaro, um dos porteiros do Santuário Nossa Senhora do Rosário. Logo, vimos subir a rua um grupo de pessoas fazendo o *passeio*. Logo que eles estraram no santuário, me aproximei, expliquei sobre a minha pesquisa e pedi se podia acompanhar seu *passeio* tirando fotografias que seriam usadas posteriormente. Eles concordaram de bom grado.

Vale notar que tanto nesse dia, quanto no *passeio* com Pai Tita, busquei tirar fotografias que não mostram rostos.

Após entrarem no santuário, o grupo foi até o presbitério, onde *tiraram agô*⁵ encostando uma das mãos nas escadas do presbitério. Veja a figura abaixo.

⁵ *Tirar agô* e pedir licença ou reconhecer o sagrado.

Figura 7: Grupo no presbitério.



Fonte: autor, 2025.

Depois disso, o grupo passou pelos quatro altares laterais do templo em ordem anti-horária. Tendo cumprimentado o presbitério, seguiram para a esquerda, onde se deteram no altar dedicado a São Miguel Arcanjo, sincretizado como Xangô. Depois disso, foram para a esquerda, onde fica o altar dedicado a São Jorge, ou Ogum. De novo para a esquerda, cruzando para o lado direito da igreja, contemplaram o altar de Santo Antônio, sincretizado como Bará. Veja um exemplo abaixo.

Figura 8: Altar de Santo Antônio / Bará

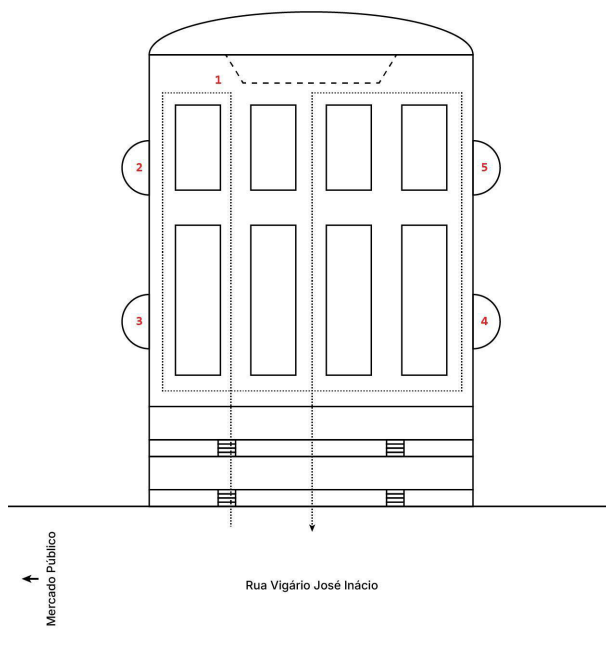


Fonte: autor, 2025.

Geralmente, esse é o primeiro altar a ser visitado. É muito comum ver os grupos que fazem o *passeio* entrarem na igreja pela esquerda e irem direto para esse altar, de onde se inicia o ciclo anti-horário. Segundo Pai Tita, esse é o sentido da volta no tempo, da volta ao tempo em que os orixás vinham para a Terra.

Dali, foram até o último altar, o de Nossa Senhora Aparecida – Oxum e foram até o corredor central, de onde se encaminharam para saírem do templo. Desse modo, esse grupo descreveu a seguinte trajetória dentro da igreja:

Figura 9: Uma trajetória dentro da Igreja do Rosário.



Fonte: autor, 2025.

Durante meus anos de observação no Santuário Nossa Senhora do Rosário, observei o presbitério e os quatro altares laterais serem ativados de vários modos. Com o bater de cabeça, com o tirar agô, deixando moedas, ajoelhando etc. Cada terreiro tem a sua maneira de reverenciar o que acha sagrado naquele espaço.

A finalização de uma *obrigação* é um momento de celebração do trabalho feito com sucesso no interior dos terreiros. E como argumentou Vítor Queiroz na defesa da minha dissertação, pode ser a celebração da renovação do *axé* do terreiro. Desse modo, os terreiros fotografam e filmam seus *passeios* para preservação e divulgação posterior. E foi assim com o Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira. Uma das filhas da casa fotografou todo o

percurso dentro da igreja e, ao final, todos posaram na frente do templo. Veja a figura abaixo.

Figura 10: Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira.



Fonte: autor, 2025.

Este ensaio mostra, de maneira sucinta, os estágios de um *passaio*. Primeiro, com Pai Tita, fotografei a ida ao Mercado Público, ao Santuário Nossa Senhora do Rosário, onde Pai Tita “até rez[a] um Pai Nosso”, à orla do Guaíba e, finalmente, até a volta ao terreiro, em Viamão. Ficou faltando apenas o *café*.

Depois, mostrei cenas de um *passeio* dentro do Rosário, onde não pude entrar com Pai Tita. Nessa igreja, o Ilê Afro-brasileiro Oxum Docô e Ogum Onira visitou todos os altares em sentido anti-horário e, antes de saírem do local, deram bombons para Álvaro e para mim.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Patrícia Adorno. *Um passeio por caminhos invisíveis: fontes de informação sobre o Bará do Mercado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- ALMEIDA JÚNIOR, Francisco. *“Aprontando Filhos-de-santo”: um estudo antropológico sobre a transmissão/reinvenção da tradição em uma rede de “Casas de batuque” de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. O corpo nos rituais de iniciação do batuque. In: LEAL, Ondina Fachel (org.). *Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001. p. 137-151.
- CORRÊA, Norton. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1992.
- GIUMBELLI, Emerson. *Afrografias em uma igreja do Rosário: histórias negras em Porto Alegre*. 2025. [Texto inédito].
- GIUMBELLI, Emerson; CRISTALDO, Rafael. Um ritual afrorreligioso em um templo católico: o passeio no batuque gaúcho. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 27, n. 2, p. 6-25, 31 jul. 2025. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- MACHADO, Cauê Fraga. Lugares e objetos de memória no batuque gaúcho. *Religião & Sociedade*, v. 35, n. 1, 2015, p. 107-120.
- MARQUES, Olavo Ramalho. *Sobre raízes e redes: territorialidade, memórias e identidades entre populações negras em cidades contemporâneas no sul*

do Brasil. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOTEN, Fred. Ser prete e ser nada (misticismo na carne). In: BARZAGHI, Carla; PARTENIANI, Stella; ARIAS, André (orgs.). *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo: Crocodilo: n-1 Edições, 2021.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos Gomes dos; CUNHA, Mateus. *A tradição do Bará do Mercado*. Porto Alegre: PMPA/SMC/SMEC, 2007. Fotografias de Fernanda Rechenberg.

QUEIROZ, Vítor. Na rua, no meio do redemoinho: das mediações de exu no espaço público à ação político-ritual em dois contextos afro-religiosos. *Religião & Sociedade*, v. 42, n. 1, p. 127-152, jan. 2022.

TURNER, Victor. Passagens, margens e pobreza: símbolos religiosos da Communitas In: TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Eduff, 2008.

VARGAS, Pedro Rubens. *O mercado central de Porto Alegre e os caminhos invisíveis do negro: uma relação patrimonial*. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses Iorubás na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio: Círculo do Livro, 1981.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio da Silva de. Enigma e escândalo: a sociedade hierárquica e o sincretismo na romaria afrobrasileira. *Série Ciências Sociais*, n. 4, 1992.

Recebido em: 06/04/2026

Aprovado em: 05/05/2026